

JT
14/5/99 Pg 15A
98

Ribeira: quilombos discutem barragens

Projeto de construção de barragens no Rio Ribeira pode destruir antigas comunidades negras

O ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho e o secretário estadual do Meio Ambiente, Ricardo Trípoli, vão se reunir hoje com representantes das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, no sul de São Paulo, para discutir o impacto ambiental da construção de quatro barragens no Rio Ribeira de Iguape – único do Estado que ainda segue seu curso livremente – pode trazer para a região. Remanescentes dos quilombos também devem discutir com o ministro a sobreposição de áreas de Unidades de Conservação (UCs) com as comunidades. O líder do Quilombo de Ivaporunduva, que fica no município de Eldorado, José Rodrigues, defende a permanência dos quilombolas: “As áreas de proteção é que estão dentro das nossas terras. Foi uma invasão porque estamos

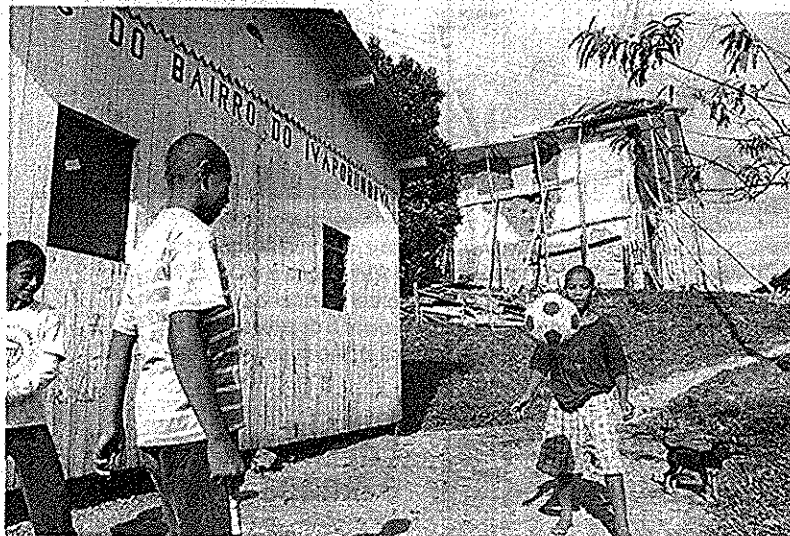
aqui há séculos.”

A Constituição de 1988 reconheceu os quilombos e seus moradores então adquiriram os direitos pelas terras que ocupam. Com isso, começou a haver a quilombolização – processo de reintegração dos descendentes dos escravos foragidos aos quilombos. O primeiro quilombo a conseguir o reconhecimento foi o de Ivaporunduva, que aguarda apenas a titulação. A comunidade onde vivem cerca de setenta famílias é considerada a mais antiga da região, uma espécie de quilombo-mãe.

Comunidades

Outros quarenta quilombos do vale estão em processo de identificação, onze deles com informações preliminares levantadas por antropólogos e etnólogos da Fundação Palmares, ligado ao Ministério da Cultura e do Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp), da Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania.

As comunidades quilombolas reivindicam títulos coletivos das terras. “É também uma forma de evitar a especulação”, diz o diretor do Insti-



QUILOMBO: população de Ivaporunduva, no Vale do Ribeira, teme barragem

tuto Sócioambiental, João Paulo Capobianco. Os quilombolas praticam agricultura de subsistência, que não seria prejudicial ao meio ambiente, a maior área de Mata Atlântica continua do país, porque fazem o rodízio da terra plantada. “Nós inte-

ramos com o meio ambiente e só tiramos dele aquilo que precisamos para sobreviver”, explicou o quilombola Oriel Rodrigues. Diferentemente dos caiçaras, que ocuparam grande parte do litoral, os negros preferiram se refugiar na serra de Parapiacaba, no interior do Vale.

A construção da barragem de Tijuco Alto, na divisa com o Paraná, é um dos maiores pesadelos dos quilombolas. Com licença prévia já concedida, a obra está embargada na Justiça por ter apresentado estudos de impacto ambiental inconsistentes. O Grupo Votorantin é o responsável pela barragem que deve gerar energia para a Companhia Brasileira de Alumínio, em Sorocaba.

Enchentes

O preço estimado de construção é de US\$300 milhões. Porém, se só essa barragem for construída a região do Ribeira, que já é frequentemente castigada pelas enchentes, a situação vai piorar. Por isso, a Cesp deve construir mais três barragens ao longo do rio para conter as cheias. A de Funil tem custo previsto de US\$ 428 milhões, a de Batatal, de US\$238 milhões e a terceira ainda não foi estudada. Além de um desastre ecológico, a previsão dos ambientalistas é que as barragens dizimem grande parte dos quilombos.

Camila Garcia, do Vale do Ribeira

